



PROPOSTA DE INSTALAÇÃO DE MONUMENTO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO PINHEIRO TORTO, EM PASSO FUNDO, RS

Luiz Paulo Fragomeni¹

Tatiane Bonfanti²

Resumo

Proposta de ação permanente de Educação Patrimonial através da instalação de monumento no parque a ser implantado no Sítio Arqueológico do Pinheiro Torto, identificado no ano de 2014 pelo Arqueólogo Fabrício Vicoski, no Loteamento Residencial Parque da Cidade II, em área urbana de Passo Fundo, Rs. O Sítio Arqueológico do Pinheiro Torto é uma ocorrência de material lítico, possivelmente vinculado a população de caçadores-coletores da Tradição Humaitá, de idade de mais de 2000 anos A.P. Inspirado no monumento aos últimos charruas, atração reconhecida em Montevideu, no Uruguai, a instalação do monumento neste sítio arqueológico faz referência aos povos originários que deixaram marcas de sua passagem por este local em tempos pré-históricos. O monumento seria de cinco pessoas em tamanho natural, em trajes típicos, com ferramentas e utensílios, executado em polímero imitando o bronze, sendo orçado em R\$ 137.000,00 em valores de 2016, valor a ser bancado pelo empreendedor do loteamento.

Palavras-chave: Educação patrimonial; monumento arqueológico; proteção de sítio arqueológico.

¹ Geólogo, Mestre em Geologia Ambiental e Geoprocessamento, Especialista em Tecnologia Ambiental, Especialista em Arqueologia e Cultura Material. lpfragomeni@gmail.com

² Bióloga, Especialista em Biologia da Conservação, Especialista em Arqueologia e Cultura Material. bonfanti.tatiane@gmail.com



PROPOSAL FOR THE INSTALLATION OF A MONUMENT IN THE ARCHAEOLOGICAL SITE OF PINHEIRO TORTO, IN PASSO FUNDO, RS

Abstract

Proposal of permanent action of Patrimonial Education through the installation of a monument at the park to be implanted at the Archaeological Site of Pinheiro Torto, identified in the year 2014 by the Archaeologist Fabrício Vicroski, in the Loteamento Residencial Parque da Cidade II, in urban area of Passo Fundo, RS. The Archaeological Site of Pinheiro Torto is an occurrence of lytic material, possibly linked to the hunter-gatherer population of the Humaitá Tradition, aged over 2000 years A.P. Inspired by the monument to The Last Charruas, a recognized attraction in Montevideo, Uruguay, the installation of the monument at this archaeological site makes reference to the original people who left marks of their passage by this place in prehistoric times. The monument would be five people in natural size, in typical costumes, with tools and utensils, executed in polymer imitating the bronze, being budgeted at R\$ 137,000.00 on values of 2016, amount to be faced by the entrepreneur.

Keywords: *Patrimonial education; Archaeological monument; Archaeological site protection.*

Introdução

O presente texto apresenta uma proposta de ação de Educação Patrimonial, de caráter permanente e acesso universal, na cidade de Passo Fundo, RS.

Posto que o Diagnóstico Arqueológico Interventivo na Área de Implantação do Loteamento Residencial Parque da Cidade II, no município de Passo Fundo, executado no ano de 2014 sob Responsabilidade Técnica do arqueólogo Fabrício José Nazzari Vicroski, identificou um sítio arqueológico com ocorrência de material lítico, vislumbrou-se a oportunidade de aproveitar o local privilegiado para a instalação de um projeto permanente de educação patrimonial. Com inspiração no monumento aos últimos charruas, que se tornou atração reconhecida em Montevideu, no Uruguai, concebeu-se a instalação de um monumento neste sítio arqueológico, em zona urbana de Passo Fundo, em referência aos povos originários que deixaram marcas de sua passagem por este local em tempos pré-históricos.



Público alvo

O público alvo seria constituído da comunidade em geral, com atenção especial aos moradores e frequentadores dos bairros que se implantarão no entorno.

Muito além da comunidade escolar nos seus diversos níveis, que teria um ponto de referência para alavancar a abordagem do tema dos povos aborígenes, toda a população seria impactada através da criação de um local público, aberto, de fácil acesso e carregado de simbologia.

Os turistas e visitantes na cidade teriam mais uma opção de local de visitação e, sendo Passo Fundo uma cidade rica em eventos, esta tipologia pode vir a ser muito representativa.

Objetivos

O objetivo do presente Projeto de Educação Patrimonial é viabilizar uma ação que permitirá de forma contínua a abordagem da temática dos povos originários pré-históricos na região do Planalto da Serra Geral, onde se insere o município de Passo Fundo, através da implantação de um monumento composto de várias estátuas representando seu fenótipo provável, vestindo roupas e utilizando ferramentas vinculadas à sua tradição cultural.

Justificativa

Motivado pela exigência de licenciamento ambiental de um novo projeto de loteamento em zona urbana de Passo Fundo, foi executado, no ano de 2014, o Diagnóstico Arqueológico Interventivo na Área de Implantação do Loteamento Residencial Parque da Cidade II, no município de Passo Fundo, sob Responsabilidade Técnica do arqueólogo Fabricio José Nazzari Vicroski. Este trabalho identificou um



sítio arqueológico com ocorrência de material lítico, comprovando atividade antrópica no local em tempos pré-coloniais.

VICROSKI (2014) descreve que o Loteamento Residencial Parque da Cidade II será implantando nas proximidades da rodovia ERS-324 (Figura 1), na área urbana do município de Passo Fundo, com área total de 288.252,55 m² (28,82 ha)

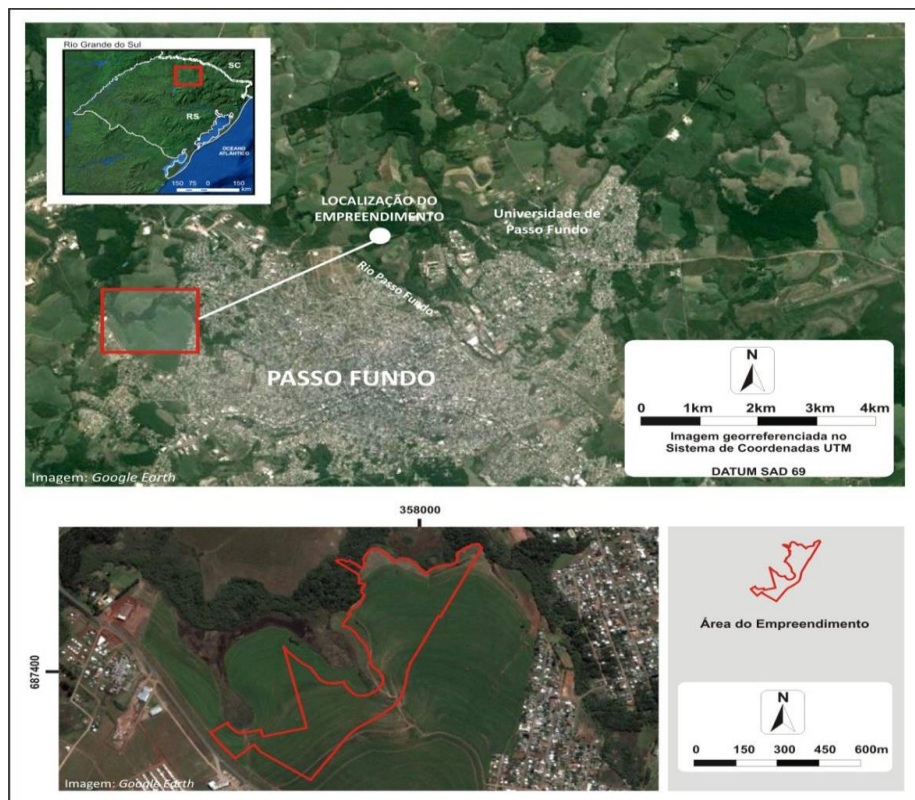


Figura 1 – Localização do empreendimento. VICROSKI.

Atualmente o local é utilizado para o plantio de lavouras anuais e gravado no Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Passo Fundo como Área de Urbanização e Ocupação Prioritária. A gleba é limdeira aos Loteamentos Nenê Graeff, Parque Leão XIII, e com a rodovia ERS-324 e o Arroio Pinheiro Torto. Seu entorno apresenta áreas intensamente urbanizadas com o uso predominantemente residencial,



uma área de plantio de lavouras anuais de propriedade de Ênio Duzzatti Guedes, a Reserva Particular do Patrimônio Natural Maragato e a Reserva Pinheiro Torto, recém criada, de propriedade do Município de Passo Fundo. Os usos previstos para o empreendimento conforme a Lei Complementar nº 170/2006, que criou o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de Passo Fundo, a saber:

- a) Residenciais Unifamiliares e Multifamiliares Horizontais e Verticais e seus usos complementares;
- b) Comerciais, Industriais e Logísticos.

VICROSKI (2014) informa que a identificação do sítio arqueológico ocorreu mediante a decapagem amostral e a vistoria do contexto de deposição superficial do terreno. O sítio está inserido num pequeno platô situado na porção norte da gleba, englobando parte da lavoura e uma área de mata e banhado que se estende a partir das margens do Arroio Pinheiro Torto, cujo curso dista cerca de 90 metros do local (Figuras 1 e 2). A altitude média na área é de 605 metros, coordenadas UTM: 0357807 E / 6874588 S. Devido ao seu contexto ambiental associado ao Arroio Pinheiro Torto, empregou-se tal denominação para a definição da nomenclatura do sítio: Sítio Arqueológico Arroio Pinheiro Torto.

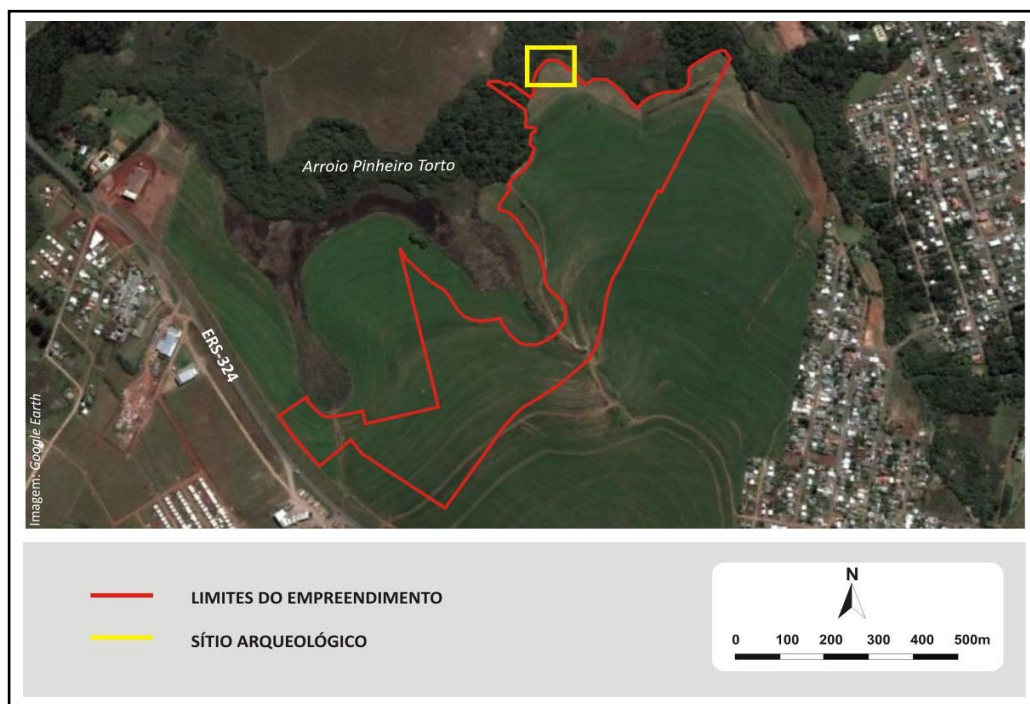


Figura 2 – Localização do sítio arqueológico em relação ao empreendimento. VICROSKI (2014).

Trata-se de um sítio lítico com dispersão de material predominantemente em superfície, além da presença de carvão em profundidade. O sítio apresenta uma baixa densidade de vestígios, constituídos em sua maioria por lascas e núcleos de basalto, arenito, quartzo e calcedônia, com evidências de alterações antrópicas (lascamento) além de uma pedra fragmentada com marcas negativas que sugerem sua utilização como suporte para polimento de artefatos líticos (Figuras 3 e 4).

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CULTURA MATERIAL E ARQUEOLOGIA
NÚCLEO DE PRÉ-HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA - NUPHA
LABORATÓRIO DE CULTURA MATERIAL E ARQUEOLOGIA - LACUMA

26, 27 e 28 de setembro

Organização:

UPF Universidade de Passo Fundo
PPGH Programa de Pós-Graduação em História
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH

NUPHA
Núcleo de Pré-História e Arqueologia
UPF PPGH

Apoio:

CAPEF **IPHAN 80 ANOS** 1937-2017



Figura 3 – Lasca de arenito identificada durante as atividades de decapagem do solo. VICROSKI (2014).



Figura 4 – Artefato lítico localizado em superfície. VICROSKI (2014).

Embora o uso do solo ao longo de muitos anos tenha alterado de forma significativa a superfície do terreno, em especial quanto ao meio biótico, estudos paleoclimáticos e paleoambientais orientam a compreensão do contexto regional ao tempo em que estas comunidades pré-históricas ocuparam a área. O modo de subsistência, os padrões de assentamento, entre outros fatores de organização social das populações pré-coloniais, estavam em grande parte associados ao contexto ambiental circundante. A compreensão do paleoambiente permite uma forma de esclarecimento acerca do modo de vida e estratégias de adaptação destes grupos pré-coloniais e, ainda, a dinâmica socioambiental envolvida na transformação dos meios, desde o Pleistoceno até como se apresentam hoje.



VICROSKI (2014), ao caracterizar o paleoambiente no Período Pleistocênico, informa que ocorreram inúmeras alterações no meio físico e biótico desde os primórdios da ocupação humana nesta região. “Geadas mais intensas e neves mais constantes, características da última glaciação e provocadas pelas baixas temperaturas, deram ao território que habitamos atualmente um clima diferente do atual” (KERN apud VICROSKI, 2014). Não basta ter em mente apenas o atual comportamento ambiental da região em questão. Ter a visão do ambiente da atualidade é de grande valia, desde que não se perca de vista a sua configuração em tempos passados, principalmente por volta do final do Pleistoceno e início do Holoceno (VERONEZE apud VICROSKI, 2014).

O fenômeno climático denominado glaciação, caracterizado pela diminuição da temperatura média da Terra, tem se repetido ao longo da história, provocando o aumento das geleiras nas calotas polares e um grande acúmulo de gelo, sobretudo, nas áreas montanhosas, tendo como resultado imediato profundas alterações de ordem ambiental, influenciando, por exemplo, a fauna, a flora, o relevo e até mesmo o nível dos mares. Entremeio às glaciações temos os chamados períodos interglaciais, como o que vivemos atualmente, onde a temperatura da Terra volta a subir e a natureza se recompõe, porém, com novas configurações.

A época geológica em que vivemos hoje denomina-se Holoceno, e foi precedido pelo Pleistoceno, ambas divisões geoclimáticas integrantes do período geológico Quaternário, da era Cenozoica. O Pleistoceno abrange um período de tempo que vai de dois milhões de anos a 12 mil anos antes do presente (AP), ao longo do qual ocorreram quatro grandes glaciações.

A última grande glaciação ocorreu no Pleistoceno Superior. É denominada *Würm* (Europa) ou *Wisconsin* (América do Norte), durou cerca de 60 mil anos (70.000 AP – 10.000 AP), atingindo seu ápice por volta de 18 mil anos atrás. Nesta época, em virtude da formação de grandes geleiras, estima-se que o nível do mar situava-se a cerca de 100 metros abaixo do atual, configurando um processo de regressão marinha. A



situação contrária, ou seja, o aumento do nível do mar é denominado de transgressão. Ambos foram eventos recorrentes durante o Quaternário. Com a retenção de água, na forma de neve, nas áreas montanhosas houve a diminuição do fluxo hídrico e a formação de terraços fluviais menores e mais profundos em relação aos atuais, afetando também os rios. O acúmulo de gelo e seu consequente deslizamento também provocou deformações no relevo, como o aprofundamento dos vales. A insuficiência de uma cobertura vegetal densa, então limitada às áreas de encostas mais abruptas e úmidas, estaria aprofundando os leitos dos grandes rios e de seus afluentes através dos processos de erosão mecânica (KERN apud VICROSKI, 2014).

Infelizmente a carência de pesquisas específicas sobre o paleoclima do Rio Grande do Sul ao final do pleistoceno, não possibilita afirmações precisas. Porém, segundo o arqueólogo André Prous (1992), a analogia com dados oriundos de países vizinhos nos permite supor que a temperatura neste período oscilava em torno de 4 °C abaixo da média atual, algo aparentemente tolerável para uma “idade do gelo”. No entanto, suficiente para causar grandes alterações climáticas e ambientais. Basta lembrar que uma pequena diminuição da temperatura pode causar a extinção de espécies vegetais mais sensíveis, que eventualmente poderiam compor a dieta alimentar dos animais herbívoros, enfim, uma reação em cadeia que pode ter resultados desastrosos a longo prazo.

Esse período não permaneceu sempre mais frio do que o Holoceno, mas acredita-se que os seus últimos milênios foram os mais rigorosos, e que os primeiros habitantes do atual território brasileiro devem ter conhecido, até 14 mil anos antes do presente, temperaturas de até 4 °C mais baixas, havendo depois uma elevação até as condições atmosféricas atuais, aproximadamente há 6000 anos AP, tendo ocorrido até um aumento ligeiro da temperatura logo depois (PROUS apud VICROSKI, 2014).

A diminuição do nível do mar fez multiplicar o número de ilhas no oceano, além de expor porções de terra atualmente submersas, criando novas rotas migratórias, a



exemplo do Estreito de Bering entre a Sibéria e o Alasca, uma ponte oceânica ligando os continentes asiático e americano. Este contexto propiciou tanto o deslocamento de grupos humanos como de animais. Algumas espécies faunísticas migraram em busca de um novo habitat, enquanto outras foram completamente extintas neste período. A fauna de então se assemelhava à de hoje, são conhecidos fósseis desse período pertencentes a animais como o porco-do-mato, capivara, tatu, anta, veado-campeiro, ratões-do-banhado, e outros mais. A grande diferença fica por conta dos mamíferos de grande porte, denominados de megafauna. São animais muitas vezes semelhantes à fauna atual do Rio Grande do Sul, porém em proporções bem maiores, como a preguiça gigante, o tigre dente de sabre, o mastodonte, o tatu gigante, cervídeos, entre outros.

Os animais que com eles conviveram são conhecidos através de fósseis, encontrados em sedimentos relativos àquele período. De concreto, o que se conhece são fósseis de moluscos e mamíferos, a maioria desses de grande porte, conhecidos como megamamíferos ou megafauna. Mesmo não sendo conhecidos fósseis, é certo que aqui viviam insetos, crustáceos, peixes, anfíbios, répteis e aves semelhantes aos atuais, que poderiam ter sido utilizados pelos primeiros povoadores (JACOBUS apud apud VICROSKI, 2014).

A vegetação da época precisou se adaptar ao clima seco e frio. Para sobreviver a este ambiente, as plantas geralmente possuíam raízes profundas, poucas folhas, um talo grosso e espinhos, uma proteção contra os animais herbívoros, a exemplo dos atuais cactos e a vegetação rasteira da caatinga ou cerrado, configurando um cenário similar às atuais savanas e estepes. Já as florestas geralmente se limitavam a mata de galeria, estabelecidas ao longo dos cursos d'água e lagoas. Observou-se, no entanto, a expansão da mata de araucária em parte da região norte do Estado, acompanhando as áreas úmidas junto aos afloramentos rochosos (Figura 5).

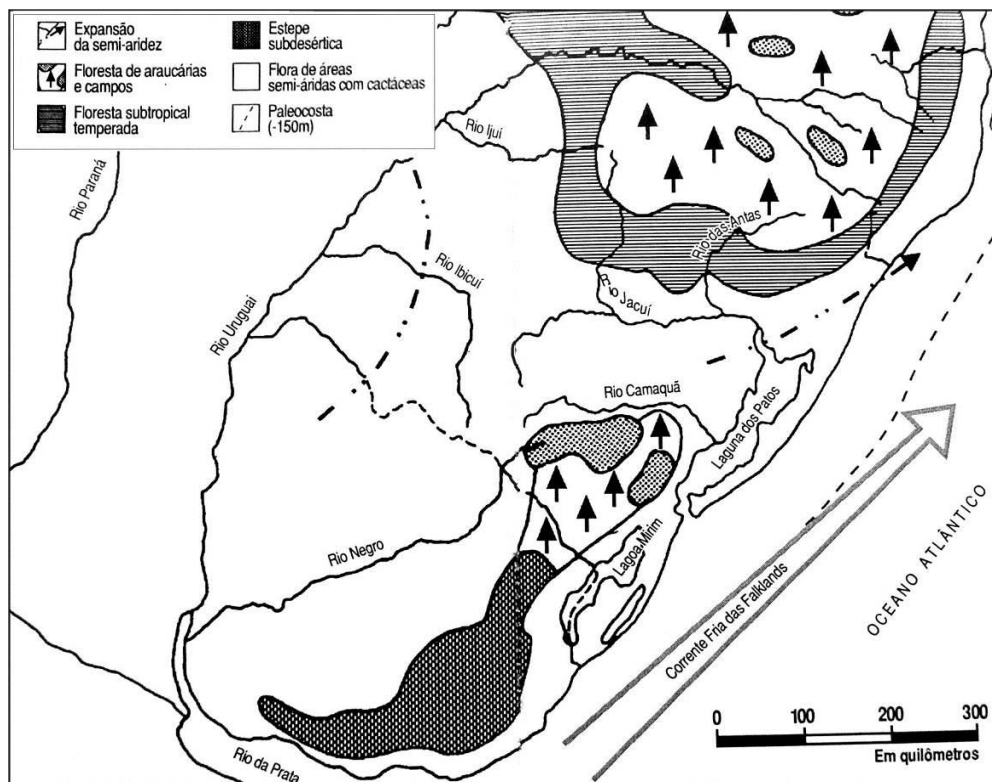


Figura 5 – Configuração da paisagem ao final da última glaciação
 Fonte: (KERN apud VICROSKI, 2014)

É provável que nesta configuração ambiental os primeiros grupos humanos que aqui chegaram, ao final do pleistoceno, necessitassem de uma dieta alimentar variada, incluindo desde pequenos animais e mamíferos da megafauna, a frutos de cactáceas além de peixes e moluscos.

A despeito das inúmeras adversidades decorrentes das transformações paleoclimáticas encontradas na última era glacial, estes primeiros habitantes desenvolveram mecanismos de sobrevivência e interação com o meio. As possibilidades



de compreensão desta relação podem ser ampliadas se congregarmos a análise dos fatores ambientais e fenômenos de adaptação humana. Segundo o arqueólogo Arno Kern (apud VICROSKI, 2014), “tanto o conhecimento das condições de desenvolvimento das sociedades humanas bem como o das transformações do meio ambiente são elementos complementares fundamentais para compreensão objetiva do passado pré-histórico”.

A partir da compreensão do contexto ambiental da época, bem como da análise dos vestígios de sua escassa cultura material, podemos ampliar o conhecimento acerca deste período remoto da história humana na região.

Com o final da última glaciação do período pleistocênico, ocorrida entre doze e dez mil anos, as alterações climáticas ocorridas a partir de então passaram a corresponder a uma nova época na escala de tempo geológico, denominada Holoceno, que se estende até os dias atuais. O Holoceno representa um período de grandes mudanças ambientais, com alterações significativas no clima, temperatura, nível médio do mar, com diminuição da fauna e aumento progressivo da vegetação, as espécies arbustivas passam a ceder espaço às florestas subtropicais.

As condições ambientais irão gradualmente se transformar entre 13.000 e 10.000 A.P. Predominantemente glaciais, até então, as temperaturas começam a subir, gradativamente, provocadas por uma maior intensidade da radiação solar. Com o derretimento das geleiras, sobem os níveis marinhos. O processo de transgressão marinha invade a planície litorânea, inundando-a vagarosamente. Persistem os climas secos com pluviosidade restrita, mas cada vez mais quentes (KERN apud VICROSKI, 2014).

Neste período ocorreu um incremento na dinâmica de subsistência dos grupos de caçadores-coletores, e possivelmente uma expansão para as regiões ainda pouco exploradas. As redes hidrográficas desempenhavam um importante papel no deslocamento destes grupos. As florestas subtropicais existentes nos vales de grandes



rios como o Jacuí e o Uruguai expandiam as possibilidades de caça e coleta, constituindo áreas onde frequentemente estas populações estabeleciam seus acampamentos, além de propiciar a utilização dos cursos d'água como vias de deslocamento e comunicação, com a garantia de condições de subsistência.

O pós-glacial é caracterizado pelo aumento gradual da temperatura até atingir os índices atuais. Os períodos de frio intenso ainda se faziam presentes, porém nada comparável aos padrões pleistocênicos. A umidade passou a substituir o clima seco favorecendo a vegetação subtropical nos vales fluviais. A partir do derretimento gradual das geleiras, iniciou-se o processo de transgressão marinha que recobriu parte da planície litorânea, porém, o aumento do nível do mar ocorreu de forma lenta.

No início do Holoceno ainda não era possível perceber grandes alterações na paisagem, já que a predominância de um clima temperado foi o resultado de um processo que se desenvolveu ao longo dos primeiros milênios. A paisagem estépica com espécies vegetais rasteiras e arbustivas dominava o cenário nas áreas de campo. A fauna, porém, foi especialmente afetada. Estima-se que aproximadamente 20% dos animais tenham sido extintos neste período de transição, sobretudo, os mamíferos de grande porte, como as preguiças e tatus-gigantes, prevalecendo os animais similares à fauna atual (KERN apud VICROSKI, 2014).

Por volta de 6 mil anos A.P., no chamado Holoceno médio, ocorreu um fenômeno climático em escala mundial, caracterizado pelo aumento da temperatura que atingiu seu limite máximo no pós-glacial, aliado ao aumento considerável dos índices de pluviosidade. Este período, denominado *Ótimo Climático*, congregou elementos que possibilitaram novas transformações ambientais e uma certa estabilidade das condições climáticas. Foi nesta época que os contornos atuais da paisagem rio-grandense foram delineados.

Durante o *Ótimo Climático*, entre 6.000 e 4.000 A.P., o clima foi muito mais quente e úmido, com maiores precipitações pluviométricas. As altas temperaturas



continentais derreteram as neves nas cadeias de montanhas dos Andes, o que provocou uma subida acentuada dos níveis marinhos, 3 a 5m acima da costa atual. Isto provocou intensas e extensas alternâncias dos níveis marinhos na planície litorânea. Tanto as transgressões como as regressões do mar tiveram imensas consequências para a hidrografia local (KERN apud VICROSKI, 2014).

A implantação do clima tropical úmido permitiu a expansão efetiva da vegetação para além das encostas dos vales e margens de lagoas, ampliando as matas de araucária às áreas de campo, diversificando a vegetação e a oferta de espécies animais, condições favoráveis ao desenvolvimento das populações humanas. O clima, semelhante ao atual, passou a apresentar altas temperaturas no verão, atingindo seu ápice nos vales quentes e úmidos dos grandes rios, como o do Jacuí, enquanto no inverno a invasão de massas de ar polar era garantia de ventos frios, dias chuvosos e úmidos, com noites geladas e geadas frequentes. Cabe destacar que justamente nesta época, “as sociedades caçadoras e coletoras atingem um máximo de desenvolvimento, entrando em choque posteriormente com as sociedades de horticultores que invadiram o estado e sofrendo profundas transformações socioculturais” (KERN apud VICROSKI, 2014).

Após um breve período de frio e seca ocorrido a cerca de três mil anos atrás, a frequência e intensidade das oscilações climáticas reduziram-se consideravelmente ao longo dos últimos dois milênios, tampouco observou-se maiores alterações faunísticas ou florísticas. A configuração da paisagem atingiu assim características muito similares aos padrões da atualidade (Figura 6).



Figura 6 – Configuração atual da paisagem no sul do país
 Fonte: (KERN apud VICROSKI, 2014).

Neste cenário onde a floresta tropical é entremeada por extensos pinheirais, não é difícil imaginar a importância que o pinhão da araucária, um ingrediente altamente proteico, adquiriu na dieta alimentar dos animais e das populações humanas pré-históricas. Com o passar do tempo praticaram o manejo florestal e desenvolveram técnicas para estocagem e conservação desta semente, garantindo sua oferta ao longo do ano. Estes entre outros elementos de ordem ambiental constituíam importantes atrativos ao estabelecimento de caçadores-coletores e ceramistas-horticultores.



KERN (1991) expressa que grupos de caçadores-coletores se estabeleceram em um ambiente específico caracterizado pelas florestas subtropicais e ali elaboraram uma tradição lítica denominada Humaitá. No território do Rio Grande do Sul foram encontrados inúmeros sítios com evidências muito similares da cultura material destes grupos, sendo que muitos deles foram encontrados sobre as alturas do Planalto Meridional, em meio à floresta subtropical com pinheiros araucária. As mais antigas destes sítios podem indicar um momento no qual a floresta não estria ainda inteiramente desenvolvida, na transição do período seco da última glaciação à etapa quente e úmida de pleno desenvolvimento florestal, sendo que datação mais antiga para o Rio Grande do Sul relatada por KERN (1991) é de 6.620 ± 175 A.P. Todos os sítios de caçadores-coletores estudados e que se relacionam com a tradição Humaitá se caracterizam por uma indústria lascada em arenito silicificado e em rochas efusivas (basalto e diabásio). Estes grupos tiveram seus territórios invadidos por migrações dos Tupiguarani, provavelmente oriundas da região amazônica, aproximadamente por volta de 2.000 anos A.P., sendo que não houve apenas o choque do contato guerreiro com os invasores, mas igualmente um choque cultural, pois a partir desta época a horticultura e a cerâmica são gradualmente introduzidas em território sul-rio-grandense. Alguns grupos de caçadores-coletores desaparecerão simplesmente, enquanto que outros serão aculturados e outros subirão para o refúgio das alturas do planalto, onde já viviam muitos outros grupos aparentados, passando a buscar soluções para a vida em meio às florestas de pinheiros araucária, em altitudes mais frias. Os dados arqueológicos sugerem que os grupos de caçadores-coletores-horticultores que se instalaram nos altos do Planalto Sul-brasileiro em casas subterrâneas poderiam, em parte, originar-se dos grupos de caçadores-coletores da tradição lítica Humaitá, tendo em vista que as indústrias líticas não apresentam modificações muito profundas, na passagem do estágio lítico para o cerâmico (KERN, 1991).



A disponibilidade de aves, peixes e animais terrestres sugere uma oferta de alimentos abundante, composta por animais constituintes da fauna atual, como tatus, roedores, emas, patos, codornas, felinos, lebres, moluscos, antas, veados, capivaras, entre outros. É importante ressaltar que as condições ambientais descritas para o Holoceno final, sobretudo, no que diz respeito à fauna e flora, correspondem até certo ponto ao período anterior à colonização europeia, movimento este responsável por alterações substanciais no contexto original da paisagem, com profundas modificações, sobretudo, a partir dos séculos XIX e XX. As formas de ocupação do solo e dos demais recursos naturais adotadas a partir de então, apresentaram reflexos diretos na paisagem, resultando na extinção de animais e plantas, diferentemente da ação antrópica relacionada às populações pré-coloniais.

Este riquíssimo contexto socioambiental evolutivo da área, desde o Pleistoceno até hoje, baseado fundamentalmente no texto do relatório denominado Diagnóstico Arqueológico Interventivo na Área de Implantação do Loteamento Residencial Parque da Cidade II, executado no ano de 2014 sob Responsabilidade Técnica do arqueólogo Fabricio José Nazzari Vicroski, pode ser abordado em eventuais visitas ao local onde está o sítio arqueológico. A implantação de um monumento representando uma comunidade originária, de fenótipo supostamente semelhante àquela que deixou os artefatos líticos ali mesmo resgatados, constituirão um marco para o resgate e apropriação popular de uma parte de nossa história em tempos anteriores ao período colonial.

Um espaço que remete ao conhecimento das populações originárias também será um elo de ligação ao debate sobre as atuais populações indígenas, descendentes diretos dos povos que habitavam esta região antes das invasões europeias.

Existe um caso bem conhecido de uma ação de educação patrimonial semelhante que angariou muito sucesso: um monumento em homenagem à etnia Charrua foi implantado na cidade de Montevidéu em 1938, no Uruguai, foi declarado Monumento



Histórico Nacional e tornou-se um local de visitação tão importante quanto os pontos mais conhecidos da região, fazendo parte dos circuitos de visitação turística. O monumento foi intitulado de *Los últimos charruas* (Figura 7). “*Los uruguayos se refieren a sí mismos como "charrúas", en situaciones en las que los uruguayos muestran valentía frente a enormes obstáculos, así nace la expresión "garra charrúa" (garras Charrúa) que se utiliza para referirse a la victoria frente a una derrota segura, se utiliza habitualmente este termino en competiciones deportivas como el futbol*”. (HISTÓRIA UNIVERSAL, 2016).



Figura 7: Monumento intitulado *Los últimos charruas*, em Montevideu, Uruguai.

Fonte: HISTÓRIA UNIVERSAL, 2016.

Metodologia

É de uso corrente, nos dias de hoje, a elaboração de estátuas em polímeros ou fibra de vidro e acabamento superficial que imita o bronze. O resultado final é tão próximo daquele do bronze que não se pode notar a diferença sem um exame mais apurado. Esta técnica, que garante durabilidade acima de 150 anos, reduziu os preços



finais dos projetos e protege contra o roubo das peças para derretimento e venda de bronze. Existem várias empresas no Brasil aptas a desenvolverem monumentos como o que está sendo proposto. A título de parâmetro, vamos apresentar as condições colocadas pela empresa Tesis Esculturas, localizada no município de Jardim dos Lagos, no estado de São Paulo. Respondendo a uma solicitação de orçamento para a elaboração de cinco estátuas de adultos e uma de criança com fenótipo kaingang, a Tesis Esculturas apresentou, em abril/2016, o valor de R\$ 137.700,00.

Posto que pode ser demonstrada uma cadeia que vincula os grupos caçadores-coletores da tradição lítica Humaitá com os grupos caçadores-coletores-horticultores construtores das casas subterrâneas que ocuparam as florestas com araucárias do Planalto da Serra Geral Sul-brasileira e, destes com os kaingangs, é razoável especular que o fenótipo da comunidade que deixou os registros no sítio arqueológico do Arroio Pinheiro Torto seja semelhante ao da etnia kaingang. Caso seja concluído em se utilizar o fenótipo étnico kaingang, há boa disponibilidade de informação para ilustrar a elaboração das estátuas, a exemplo da fotografia apresentada na Figura 8.

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CULTURA MATERIAL E ARQUEOLOGIA
NÚCLEO DE PRÉ-HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA - NUPHA
LABORATÓRIO DE CULTURA MATERIAL E ARQUEOLOGIA - LACUMA

26, 27 e 28 de setembro

Organização:

UPF Universidade de Passo Fundo
PPGH Programa de Pós-Graduação em História
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH

NUPHA
Núcleo de Pré-História e Arqueologia
UPF PPGH

Apoio:

CAPEs **IPHAN 80 ANOS** 1937 2017



Figura 8: Imagens de kaingangs.
Fonte: PORTAL UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. 2016

Existe possibilidade de que o financiamento do projeto possa vir a ser absorvido pelo empreendedor do loteamento Parque da Cidade II, inserido nos espaços livres de uso público do empreendimento (praças, ciclovias, áreas verdes, áreas institucionais) ou como medida compensatória no escopo do licenciamento ambiental.

Depois de equacionadas as questões de financiamento e da configuração final do monumento, o projeto deve ser proposto ao IPHAN, solicitando autorização de implantação.



Bibliografia

INDIOS KAINGANG EM LONDRINA. Disponível em <http://kaingangemlondrina.blogspot.com.br/>. Acesso em 29/05/2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Instrução Normativa Nº 1, de 25 de março de 2015*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasil. 2015.

HISTÓRIA UNIVERSAL. *Los Charruas*. Disponível em: <http://www.historiacultural.com/2010/04/pueblo-charrua-indigenas-uruguay.html>. Acesso em 29/05/2016.

KERN, Arno Alvarez (Org). *Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

PORTAL UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Disponível em <http://portal.uepg.br/noticias.php?id=1973>. Acesso em 29/05/2016.

PROUS, André. *Pré-História Brasileira*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 1992.

VICROSKI, Fabrício José Nazzari. *Diagnóstico Arqueológico Interventivo na Área de Implantação do Loteamento Residencial Parque da Cidade II, Município de Passo Fundo, RS*. Inédito, 2014.